

# 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é reflexo desta pesquisadora: designer, professora e sonhadora. Como tal, não poderia redigi-la na terceira pessoa, porque preciso dar voz ao que penso e sinto.

Desde a tenra idade, sabia que seria professora. Estar em uma escola com formação de professores; ou seja, fazer o curso normal, que era correspondente ao atual ensino médio; parecia adequado. Todas as experiências vividas por mim em sala de aula tinham um cunho forte da Pedagogia e influenciaram todo o meu crescimento. Contudo, quando eu estava prestes a entrar no ensino médio, o curso normal tornou-se ensino superior, e a Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) passou a ser responsável pela escola em que eu estudava, no caso, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Assim, a formação de professora foi adiada, porque, com a mudança, eu deveria escolher entre cursar o ensino médio regular ou fazer curso técnico de Processamento de Dados. Já no ensino médio, quando a cobrança por pensar qual caminho eu seguiria, Letras ou Educação, aumentava, a vida, sempre mudando nossos planos, colocou à minha frente, há poucos meses do final do 3º ano (em 2001), a possibilidade de ganhar uma bolsa de estudos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), por conta de um projeto social do qual eu fazia parte, e isso foi determinante na descoberta do curso que eu faria. Àquela época, a vontade de cursar Letras ou Educação já não era tão forte, pois eu havia sido contagiada pela preocupação com o futuro em relação às minhas finanças, assim, ao verificar a lista de cursos que eu poderia cursar na PUC, minha mãe me aconselhou a pesquisar o que seria Desenho Industrial, já que ela sabia que eu gostava muito de desenhar. Busquei no *Guia do Estudante* maiores informações e imediatamente me apaixonei pela profissão. Quando descobri que um designer trabalhava com *layouts*, livros, comunicação visual, lembro-me que pensei que tudo era “um plano de Deus”.

No meu percurso escolar, eu sempre fui a responsável pela confecção dos materiais para apresentações em grupo. Ajudava as professoras a montar murais, planejar “coisas” diferentes para as aulas. Fazia revistas em quadrinhos quando

era criança. Havia descoberto ali, ainda sem saber, o que eu queria ser profissionalmente: me tornar professora de Design. O plano estava traçado: graduação, iniciação científica, mestrado, doutorado. Parecia ser um processo natural no caminho para o magistério. Na iniciação científica, dediquei-me à pesquisa da apreensão do conteúdo de uma história narrada em livros impressos e digitais com diferenciação no projeto gráfico (ora com imagens coloridas, ora com imagens em preto e branco). No projeto de conclusão da graduação em Desenho Industrial, desenvolvi um Programa de Orientação Profissional – POP –, buscando auxiliar alunos de ensino médio na escolha tão difícil que é “o que você vai ser quando crescer”. Para o desenvolvimento do projeto, realizei a pesquisa no próprio Instituto de Educação. Meu retorno ao instituto se deu por me sentir muito à vontade naquele ambiente, conhecer os professores e por eu mesma ter me indagado tantas vezes, naqueles corredores, o que eu faria pelo resto da minha vida.

Em 2007, iniciei o mestrado sobre os materiais didáticos elaborados por professores na alfabetização. Procurei compreender como esses objetos são construídos, com qual finalidade e como o design tem lugar na construção desses recursos. Novamente, a pesquisa foi realizada na escola onde estudei.

Finalizado o mestrado, me candidatei a algumas vagas na docência, mas não tive sucesso. Uma grande frustração tomava conta de mim, porque sabia do meu potencial para o ensino. Havia seguido perfeitamente o passo a passo para ser professora. Por que não conseguia uma oportunidade?

Alguns me disseram que precisava ter experiência na docência. Outros, que precisava amadurecer na profissão. Buscando então aquilo que faltava, consegui uma vaga como designer gráfica na Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. Nesse ambiente, pude desenvolver minhas aptidões como designer. Nos quase três anos em que lá trabalhei, desenvolvi todas as peças promocionais e cenários, organizei eventos, cresci não só como designer, mas como pessoa também. Tive minha primeira experiência docente na universidade participando do curso de pós-graduação A produção do livro: do autor ao leitor. Lecionei o módulo O produto livro, no qual questões sobre produção gráfica eram abordadas. Durante duas edições do curso, pude lecionar esse módulo e fui selecionada por alguns alunos para ser orientadora nos seus respectivos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Os primeiros passos para a realização do sonho eram dados.

Em 2012, surgiu a oportunidade tão sonhada da docência. Há duas semanas do início do semestre letivo, recebi um telefonema do então coordenador de Design do Centro Universitário Carioca (UniCarioca). Ele solicitava o envio de um currículo, por indicação de uma amiga, e queria saber se eu poderia comparecer a uma prova de aula dois dias depois. Preparei-me arduamente e, no dia de minha prova de aula, já saí da faculdade contratada. Foi o dia mais feliz da minha vida, porque, finalmente, poderia exercer aquilo para o que havia me preparado durante toda a minha vida, aquilo que sabia que havia nascido para fazer: lecionar.

Buscando, então, crescer e atender às demandas do mercado, um novo objetivo foi traçado: o doutorado.

Inicialmente, não queria fazê-lo, tenho de confessar que o medo do fracasso sempre me rondou. Mas, em conversa com minha, àquela época, futura orientadora, ela me explicou da necessidade da continuação dos estudos.

Entrei para o curso de doutorado com um tema bem diferente. Buscava compreender o hiato entre a licenciatura e a prática de sala de aula no ensino fundamental. Contudo, esse ainda não era o “meu” tema. Pensei em estudar o perfil do professor de Design no Brasil. Mas, apesar de importante, outra possibilidade surgiu e pareceu a mais relacionada à minha pessoa.

Refletindo sobre o meu percurso até aquele momento, notei que, em meus trabalhos acadêmicos (incluindo esta pesquisa), sempre constava uma conceituação sobre “o que é design”. Acredito que isso decorreu das muitas interpretações possíveis sobre o que um designer faz e por ter levado muitos anos explicando isso aos meus pais.

Fato é que, o não (re)conhecimento da profissão me causa um pouco de desconforto. As conceituações para o campo são inúmeras, como demonstram os exemplos a seguir: “(...) esta atividade objetiva a configuração de objetos de uso e sistemas de informação” (BOMFIM, 1994, p. 19);

O design é uma atividade criativa cujo objetivo é estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços e os seus sistemas nos seus ciclos de vida. Por isso, o design é o fator central de uma inovadora humanização de tecnologias e o fator crucial da troca cultural e econômica (ICSID, 2007).

“Design é o processo de pensamento compreendendo a criação de uma entidade”<sup>1</sup> (MILLER, 2004, p. 1); “curso de ação visando transformar situações existentes em outras preferidas” (SIMON, 1984, p. 132).

Mas, mesmo com inúmeros estudos e conceituações, o incômodo permaneceu e permanece.

Identifiquei que meus projetos de iniciação científica e de conclusão de curso e minha dissertação de mestrado giraram em torno de assuntos relativos ao âmbito escolar. Acredito que buscava, no campo da Educação, uma legitimação da minha própria atuação/profissão. Tentava, por meio de um campo tão importante (diria alicerce básico da vida), demonstrar que poderíamos ter uma parceria e assim deflagrar a importância do design (pretencioso sim, mas os sonhos devem ser).

Sendo atormentada por essa questão, mudei minha pesquisa. Busquei compreender a origem dessa indagação, não apenas a minha, mas dos meus alunos também, e acredito que seja na graduação. Enquanto cursei e vi meus alunos cursando a graduação, identifiquei esse constante questionamento sobre a profissão. Afinal, quando saímos da faculdade como percebemos nosso campo de atuação? Quem são as pessoas que nos inspiram? Quais são os possíveis rumos que tomaremos durante o exercício da profissão?

Acredito que as percepções do formando e futuro designer impactam diretamente na percepção da sociedade sobre a importância (ou não) da nossa profissão e delineiam seu perfil no país.

Assim, tomei por **objetivo geral** de pesquisa compreender quais as percepções do formando sobre seu campo de estudo e atuação.

A formação em Design abarca conhecimentos de diversas áreas como filosofia, história, comunicação, tecnologia, antropologia etc., ou seja, o designer é preparado para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo, baseia sua atuação nas práticas aplicadas em diferentes áreas do saber, nos diferentes conhecimentos existentes, para desenvolver seus produtos/soluções. Mas como ele percebe seu próprio campo é uma indagação que sustenta a **questão norteadora** que pretendi responder: Como os futuros designers compreendem/percebem/conceituam o design na contemporaneidade?

---

<sup>1</sup> TLAT – Tradução livre da autora da tese.

Entendo que, sem uma formação globalizante, o designer não seria apto a relacionar teoria e prática no desenvolvimento de soluções, já que ficaria focado em conhecimentos técnicos próprios da área, gerando uma solução funcional, mas sem todo o seu potencial. Por isso, é necessário que ele conheça as mais diversas áreas, a fim de desenvolver as melhores soluções para os problemas propostos. Contudo, para poder projetar de diferentes formas, com diferentes olhares, primeiro, é necessário fazer isso em relação ao próprio design. Compreendo ser necessário identificar nos discursos dos alunos sobre suas referências teóricas, quais as suas compreensões no que tange ao design no Brasil, se são influenciadas por países de referência no campo, e se há uma identidade nacional e/ou identidades regionais do design em nosso país.

Assim, esta pesquisa tem **relevância** para o próprio campo do Design por trazer à tona questões relacionadas aos rumos da profissão a partir do olhar do formando. Ao compreender o que pensa o futuro designer, poderemos inferir sobre possíveis rumos da profissão e percepções por parte da sociedade.

Com isso, penso poder atingir os seguintes **objetivos específicos**:

- Caracterizar visões do design na contemporaneidade.
- Levantar conceituações de design.
- Levantar influências estrangeiras na formação em Design no Brasil.
- Identificar no discurso dos futuros designers brasileiros percepções sobre conceitos de design, influências e perspectivas de atuação.
- Refletir sobre identidade(s) do design no Brasil.

Para tanto, considero esta uma pesquisa qualitativa/interpretativa na qual alunos formandos (último período) do curso superior de Design no Brasil são questionados, por meio de formulário *on-line* com a finalidade de levantar dados que permitam o atendimento ao objetivo da pesquisa (questões apresentadas no capítulo 5).

Para o exame dos dados, a ferramenta escolhida é a análise do discurso, para desvelar as ideologias inscritas nas falas dos alunos. Para selecionar os discursos a serem analisados, utilizei a análise de conteúdo, em um primeiro momento, porque, por meio dessa análise, realizei um levantamento quantitativo relativo à repetição/recorrência de termos na fala do locutor, podendo perceber direcionamentos da fala e possíveis similaridades entre a fala dos diferentes interlocutores.

Para melhor compreensão do percurso metodológico, apresento, a seguir, um breve resumo dos conteúdos abordados em cada capítulo, exceto o primeiro (introdutório).

No capítulo 2, há um panorama sobre a sociedade e o design na contemporaneidade. Para tal, foi feito um levantamento bibliográfico sobre os temas, considerando estudiosos como Harvey (2001), Lipovetsky (2004), Bauman (2001), Elias (1994), Castells (1999) e Canclini (2008), no que tange à sociedade; e Bomfim (1994), ICSID (2007), Simon (1984), Miller (2004), Couto (1997), Flusser (2007), Sol (2009), no que tange às conceituações e percepções do design na atualidade.

No capítulo 3, foi levantada uma breve história do design pelo olhar de países identificados como referência – Estados Unidos e Reino Unido. Os países foram eleitos a partir do levantamento de conceitos de Sol (2009) e dos *rankings* internacionais de ensino.

Além de identificar ser necessário compreender sobre o design em diferentes instâncias, a sua relação com a história do país onde esta pesquisa ocorre também foi mapeada. A primeira faculdade de Design, no Brasil, surgiu em 1962, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), e foi estruturada com influências estrangeiras. Assim, a partir do capítulo 2, são apresentadas as mudanças sociais ocorridas no mundo, como os indivíduos se percebem e estabelecem suas identidades e como o mesmo ocorreu com o design. Sendo assim, identifiquei ser necessário traçar um perfil do design nesses países e como esses países influíram na formação em Design no Brasil.

No capítulo 4, foi traçado o Piloto da Pesquisa, o estudo tratou de uma pesquisa exploratória/explicativa, qualitativa/quantitativa. Buscou-se estabelecer o ferramental e a estrutura metodológica do estudo, desenvolvendo o piloto e o formulário final a ser aplicado aos formandos. Explico qual a estrutura dos mesmos e quais modificações ocorreram a partir dos dados obtidos com o piloto (no Rio de Janeiro).

No capítulo 5, apresento o estudo de caso em âmbito nacional. Faculdades referência no ensino foram selecionadas, por meio do ranqueamento no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), para o envio de formulários aos formandos, além das conceituações de design segundo as instituições levantadas.

No capítulo 6, foi realizada a análise dos dados coletados nas diferentes faculdades do Brasil, com o objetivo de refletir sobre os olhares dos graduandos e instituições e sobre qual(is) é(são) a(s) identidade(s) do design no Brasil.

E, finalmente, no capítulo 7, as conclusões e desdobramentos deste estudo são apresentados.

É possível, então, estabelecer o seguinte quadro-resumo da pesquisa:

**Quadro 1 – Resumo da pesquisa**

<b>Questão norteadora</b>	Como os futuros designers compreendem/percebem/conceituam o design na contemporaneidade?
<b>Pressuposto</b>	A partir dos discursos dos alunos, de suas referências teóricas, é possível perceber que a compreensão do design no Brasil é influenciada por países de referência em design, o que compromete a constituição de uma identidade nacional e/ou identidades regionais.
<b>Objetivo geral</b>	Estabelecer um panorama sobre quais as percepções dos formandos sobre o que é design, principais “personagens” que os inspiram e atuação no futuro.
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar visões do design na contemporaneidade.</li> <li>• Levantar conceituações de design.</li> <li>• Levantar influências estrangeiras na formação em Design no Brasil.</li> <li>• Identificar, no discurso dos futuros designers brasileiros, percepções sobre conceitos de design, influências e perspectivas de atuação.</li> <li>• Refletir sobre a(s) identidade(s) do design no Brasil.</li> </ul>

(continuação)

<b>Relevância</b>	Aproximar o tema do contexto atual. Pensar o design a partir do enfoque dos alunos. Refletir e tecer um panorama a partir das percepções do aluno acerca de conceitos, influências e perspectivas de atuação, que contribuam para a reflexão sobre a(s) identidade(s) do design no Brasil. Contribuir assim para uma revisão das formações em design, pelo acesso às vozes dos alunos.
<b>Percurso Metodológico</b>	<p>Pesquisa exploratória/explicativa e qualitativa/quantitativa.</p> <p>1ª etapa: Pesquisa bibliográfica e documental</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterização do design na contemporaneidade.</li> <li>• Sistematização de percepções conceituais sobre o campo do design.</li> <li>• Mapeamento dos <i>rankings</i> das universidades no exterior para identificar as universidades melhores qualificadas.</li> <li>• Estabelecimento da relação entre as percepções conceituais e a história dos países com a história do design no Brasil.</li> </ul> <p>2ª etapa: Piloto da pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Envio de formulários aos alunos de faculdades do Rio de Janeiro.</li> <li>• Tabulação dos primeiros resultados obtidos.</li> </ul> <p>3ª etapa: Estudo de caso em território nacional</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Envio dos formulários para alunos formandos nas instituições previamente escolhidas.</li> <li>• Tabulação dos resultados obtidos para compreensão das ideologias inscritas nos textos de resposta dos alunos (por instituição, por região do país).</li> </ul> <p>4ª etapa: As reflexões sobre a(s) identidade(s) do design no Brasil</p>